

CBPF-CS-003/88

CARLOS CHAGAS*

por

Miguel Osório de Almeida

Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas - CBPF/CNPq
Rua Dr. Xavier Sigaud, 150
22290 - Rio de Janeiro, RJ - Brasil

*Extraído de "Ciência para todos" - suplemento de divulgação científica de "A Manhã", Rio de Janeiro -, série Gente nossa, ano 1, n.2, de 25-4-1948, p.8-9.

Com esta publicação de *Miguel Osório de Almeida* sobre *Carlos Chagas*, iniciamos uma série de Documentos históricos sobre homens e temas de Ciência e sua influência sobre a nossa sociedade - uma tentativa de recuperar a nossa memória também neste domínio.

J. Leite Lopes

Editor

-1-

Há muito era Carlos Chagas a figura mais representativa da ciência brasileira. Coube a ele fazer uma demonstração brilhante e irrefutável da capacidade de nossos homens nesse campo de acesso tão difícil, e do qual tão timidamente só se haviam aproximado alguns, e esse mesmos sem a calma segurança e a tranquila maestria dos que sentem estar pisando em terreno próprio: a pesquisa científica, de Oswaldo Cruz recebera os princípios do método a seguir nos estudos de Medicina experimental. Fazia parte desse grupo de jovens que, com a alma e o espírito dos apóstolos, alegremente aplicavam, sem se aperceberem de sacrifícios e de fadigas, sem se demorarem na análise de suas próprias atitudes, os ensinamentos do Mestre.

As pesquisas sucediam-se sem descanso: os resultados importantes acumulavam-se aos olhos mais ou menos desatentos de nosso mundo intelectual. Foi quando, com a simplicidade com que teria comunicado uma observação mais ou menos interessante, o Mestre anunciou a descoberta de Carlos Chagas: uma doença até então desconhecida, causada por um micro-organismo novo e transmitida por um hematófago que sempre parecera banal, Chagas havia tudo feito, tudo estabelecido durante sua permanência em inóspitos sertões, onde, com olhar arguto e inteligência penetrante, estudara a patologia da região.

Todos que no Brasil pensavam e procuravam progredir, exultaram. Antes mesmo da análise minuciosa do alcance da nova descoberta, dilatava-se, desafogava-se, enriquecia-se essa espécie de sentimento até então comprimido, abafado, pobre e reduzido: a consciência profunda da possibilidade de existirem verdadeiros sábios brasileiros, a certeza de que, entre

nós, também se podia esperar assistir ao desenvolvimento e a plena expansão desses raros exemplares de humanidade, que aumentam o saber comum, resolvem problemas antigos e criam novas questões, desvendam leis naturais e indicam os pontos onde ciosamente se ocultam os mistérios. Antes de tudo, Chagas demonstrou isso: a selva densa e obscura das incógnitas que nossa natureza nos apresenta, em um perene desafio, não era impenetrável como a tantos se afigurara. Alguns golpes de inteligência bem orientada, êsse sutil e quase impalpável conjunto de qualidades, de modalidades do espírito que, falta de melhor, ainda chamamos, o *gênio*, o grande domínio de si próprio, a paciência, a tenacidade, a força de ânimo para dominar os maus momentos, tais foram as armas de que se serviu Chagas. E logo uma larga brecha abriu-se no emaranhado das selvas e, sem tardar, um sol alegre e brilhante passou a iluminar um solo fecundo e rico, a todos oferecido.

Após isso, o jovem pesquisador passou a ser um símbolo; ele não representava apenas o sábio feliz que obtém resultados importantes e é até certo ponto recompensado pelo sucesso. Era mais: era aquêle que dava a tóda uma nova geração a certeza da utilidade do esforço dedicado à pesquisa científica em nosso meio, a convicção íntima da necessidade e da possibilidade de tudo tentar, a ousada confiança nos recursos que nos oferece o método experimental.

O incomparável sucesso obtido não inebriu o forte espírito de Carlos Chagas. Continuou firme o seu caminho, sorrindo um tanto enleado às aclamações que por tóda a parte o acompanhavam. Coube-lhe em Manguinhos a sucessão de Oswaldo

Cruz. A bela escola fundada pelo grande Mestre precisava crescer, desenvolver-se, impôr-se cada vez mais. Chagas atirou-se à sua nova tarefa, lançando mão de seu incomparável prestígio. Suas glórias, expressas em prêmios, em distinções científicas, delas só se apercebia para fazê-las reverter em benefício do Instituto com os destinos do qual profundamente se identificara. Quantas vezes, nós os seus colegas, ouvimos de seus lábios, com o ligeiro tremor que o seu temperamento emotivo emprestava à voz, essas palavras simples, mas pejudadas de sentimento e de veneração, sobre o patrimônio de ciência e mais do que isso de sabedoria, deixado por Oswaldo Cruz. Sem ênfase, sem aparato, Chagas soube sempre manter o respeito por essa forma de culto, de tradição viva e palpável, em uma palavra, de ideal, que talvez seja ainda pouco compreendido e que forma o nosso grande motivo de altivez: o que se poderia chamar *o espírito a mentalidade de Manguinhos*.

Servir à Ciência, pela Ciência servir ao Brasil, e mais do que isso, como homens de Ciência servir à Humanidade, é essa a aspiração de todos os trabalhadores do Instituto, como se tornou a aspiração comum de todos os cientistas brasileiros, e essa a finalidade que reúne em uma espécie de família, homens de tendência, de especializações de funções tão diferentes.

Chagas era um representante vivo desse ideal. Em 1918, correu apressado de seu laboratório para organizar os socorros à população dizimada por uma calamidade. Preparou o combate, animou os lutadores, mobilizou tôdas as forças disponíveis. O país não permitiu por muito tempo que o laboratório de novo o absorvesse. Foram-lhe confiados os serviços de Saúde Públi-

ca. Consciente da responsabilidade que lhe cabia, Chagas, sem deixar a direção de Manguinhos, multiplicou sua atividade. Com a mesma coragem, com o mesmo otimismo, alargou, desdobrou os serviços existentes, criou serviços outros, fez renascer energias que dormitavam, insuflou o ânimo, como sempre o sabia fazer. A Saúde Pública deve-lhe alguns anos de fecunda administração, e um largo e admirável progresso.

Chagas foi além de tudo um grande professor. Sua facilidade de palavra, sua lucidez e uma acolhedora fidalguia, tornavam-no acessível, claro, generoso. Era um animador dos jovens, que procuram nos mestres, ao lado dos conhecimentos, uma lição viva de ética, um modelo pelo qual guiam seus passos hesitantes e inexperientes.

O Governo e o país prestaram-lhe as maiores homenagens. Durante as exéquias, na Candelária, a eça imensa, coberta de prêto e circundada pelas inúmeras velas que ardiam, era o ponto de convergência de todos os olhos, abatidos, ainda pesados de tristeza e obscurecidos pela dor. Cada uma das pessoas ali presentes invocava a figura de Carlos Chagas e cada um por motivos diferentes.

Lá estavam os pequenos funcionários e os operários do Instituto de Manguinhos. Tinham os sentimentos espontâneos e simples dos homens em que a cultura intelectual não introduz complicações e sutilezas deturpadoras. Sabiam todos que o diretor extinto era um grande homem. Com o despreendimento que, felizmente, ainda é uma riqueza intacta de nosso povo, eles sempre guardaram essa ingênua e tocante capacidade de admiração, esse primitivo e absoluto poder entusiasmo, que só se conservam i

nalterados quando nenhum grão de ambições próprias e nenhuma possibilidade de comparações, subrepticamente se introduzem e começam a corroer as almas. Entretanto, desse grande homem eles possuíam uma imagem simples, de tolerância, de bondade, de acessibilidade. Sem descer à familiaridade, Chagas disfarçava sua autoridade, não em uma artificial e estudada afabilidade, mas com uma natural e profunda doçura.

Lá estavam também os pesquisadores e os técnicos. Certamente refletiam sobre essa figura que soube sempre respeitar as individualidades, deu-lhes a plena possibilidade de desenvolverem sua idéias e prosseguirem em seus trabalhos, ou ainda de tranquilamente esperarem que chegasse o momento de anunciar os resultados das pesquisas.

A liberdade concedida pelo diretor do Instituto era absoluta. Cada um fazia o que queria ou o que julgava querer porque aos homens de ciência, mais do que a quaisquer outros, se aplica a frase de Schopenhauer: "Sem dúvida um homem pode fazer o que quer, mas não pode querer o que quer".

Essa atitude de Chagas em relação aos trabalhadores do Instituto foi, por vezes, mal interpretada. Consideravam-na como uma prova de desinteresse, de indiferença. E, certamente, não o era. Chagas tinha uma personalidade muito acentuada e, talvez, o fundo de seu temperamento fôsse absorvente e um tanto exclusivo. Nos assuntos que lhe tocavam de perto, era de ver o vibrante interêsse por ele manifestado. Mas, sua inteligência era feita de modo especial: tornava-se necessário que êle mesmo criasse de novo, por um trabalho próprio, as noções que lhe vinham do exterior. Mesmo que chegasse a re-

sultados já anteriormente obtidos, êsses tinham qualquer coisa de seu, sofriam já a impressão de sua maneira de ser. A intervenção constante de personalidades fortes só é útil quando o chefe dirige uma escola limitada a um campo de pesquisas estreito e especializado. O Instituto alargara-se consideravelmente: a Físico-Química, a Fisiologia, a Química vieram emparelhar com a Microbiologia, a Parasitologia; a Anatomia Patológica desenvolveu-se e cresceu após a Patologia experimental propriamente dita. Chagas preferiu, de certo, que os cultores de cada uma dessas ciências tivessem seus movimentos livres e fáceis; o melhor seria não intervir diretamente nas atividades pessoais.

Todos os técnicos do Instituto tinham a convicção e encontravam frequentemente razões para reforçá-la, de que Carlos Chagas havia concentrado na Ciência e no bem do país a razão máxima de sua vida. Sabiam-no despreocupado de bens materiais. Nunca esqueceram o seu gesto destinando o produto de um prêmio a êle conferido pelo Govêrno, em reconhecimento de sua descoberta da nova doença, ao monumento de Oswaldo Cruz. As razões morais, ainda mais do que o prestígio intelectual, variável com a sorte dos trabalhos, são os verdadeiros esteios da autoridade de um homem de ciência. As verdades descobertas pelo sábio são sempre parciais. Mais cedo ou mais tarde, elas serão modificadas em seus aspectos pela evidenciação de fatos que eram anteriormente desconhecidos. Quando passam ao domínio de todos, mesmo as mais difíceis de adquirir, assumem uma aparência de banalidade, que faz esquecer o mérito de quem as descobriu. A suprema glória do espírito original, quer seja êle um sábio ou um artista, deveria ser a de dar à Humanidade uma verdade que

rãpidamente se desligue de seu nome, um desses fatos ou uma dessas idéias que quase imediatamente passam a ser propriedade de todos, perdendo o caráter de uma coisa pessoal. Mas a aceitação dessa forma de glória na qual se perde o nome implica uma profunda superioridade de espírito. Oswaldo Cruz possuía essa superioridade. Tendo que fundar uma escola, esqueceu seus trabalhos pessoais para só ver os de seus discípulos. Chagas também a possuía. A repercussão tida por seu trabalho inicial, não lhe permitiu nunca esquecê-lo, ou melhor, os outros não deixaram que ele o esquecesse. Mas, apesar disso, consciente de ser o seu trabalho a revelação de uma escola e, defendendo-se quando era preciso, não para defender-se a si mesmo, mas por acreditar justamente tratar-se de uma conquista de brasileiros, Chagas animava ao máximo os novos esforços, e tratava quanto podia de criar o ambiente necessário para isso.

Entretanto, durante as exéquias, não eram só os elementos representativos do mundo oficial, rendendo homenagem a um nome nacional, nem os colaboradores mais ou menos graduados do trabalho de Manguinhos que se absorviam em uma comovida meditação. Chagas nunca se recolhera completamente à torre de marfim de suas glórias ou ao recôndito discreto de suas cogitações científicas. Era um homem simples que sabia criar amizades em todos os meios. Nele não se encontrava essa espécie de muro de isolamento que, mesmo externamente florido e por mais encantador que se mostre, separa do ambiente certos intelectuais, não permitindo, sem que evidentemente eles o queiram, o acesso às características mais singelamente humanas das personalidades. Não cabe a esse tipo de intelectuais a culpa de

serem complexos, difíceis, e por isso mesmo quase inabordáveis. Chagas não era dêsses: interessava-se pelas minúcias da vida quotidiana, não perdeu a frescura das impressões elementares, nivelava-se às crianças que o adoravam, saboreava os prazeres de uma palestra voluntariamente esquecida dos grandes problemas e só preocupada das sensações ou dos sentimentos do momento que passa. Sabia despertar afeições sinceras, que se desperjavam a admiração pelo grande homem e dirigiam-se muito naturalmente ao homem em si, sempre bondoso.

Foi êsse um de seus grandes encantos; o destino reservava-lhe o papel de homen célebre: conscientemente nunca representou êsse papel. Foi sempre êle próprio, com essa espécie de modéstia natural, sem artifícios de despretensão estudada e voluntariamente mantida.

Tinha sem dúvida intensas preocupações. Eram estas que lhe davam o ar distraído tantas vêzes notado e comentado. Suas distrações eram reais e provinham ou de um sonho interior em que vivia imerso, ou de um trabalho constante de meditação. Não se o sabe bem: apesar de muito acessível, Chagas evitava confidências. Mas não se comprazia em suas distrações, tratava de corrigi-las como se fôsses defeitos graves a sanar.

Cada um de nós, dos que com êle privaram, teria traços a referir, atos a revelar que bem o defeniam. Minhas recordações pessoais são numerosas e interessantes. Delas, entretanto, nada direi, abrindo apenas uma exceção para as impressões do primeiro encontro, já tão longinquo que com êle tive.

Em 1912 reunia-se em Belo Horizonte um grande Congresso Brasileiro de Medicina. Chagas era muito jovem, tinha apenas

trinta e três anos. Acabava eu de me formar em Medicina, era pouco mais do que um menino. Acompanhava meu irmão Álvaro Osório que ia pela primeira vez expôr os planos e os resultados de sua campanha contra a uncinariose no Estado do Rio de Janeiro. A personalidade de Chagas dominava o Congresso. A principio eu o admirava de longe, um pouco intimidado pelo seu renome, pela sua fama. Mas logo essa timidez desapareceu, aos primeiros contatos em que pude verificar sua generosidade e sua perfeita benevolência; daí por diante pude acompanhá-lo de perto.

Revestido de uma imensa autoridade, já glorioso pela sua descoberta de uma nova doença, exprimindo sempre com vivacidade e elegância o pensamento da Escola cujo chefe, Oswaldo Cruz, ficara no Rio e pouco a pouco transformava a Medicina Experimental no Brasil, Chagas, talvez sem pensar quão importante era para êle êsse momento, traçou aí o programa de sua vida. Na realidade, em colaboração com outros, esboçou as grandes diretivas de uma ação enérgica e fecunda, nos domínios da Higiene Brasileira. Mas o que êle não imaginava talvez nesses dias de atividade febril, em que nos intervalos das sessões do Congresso alguns amigos reuniam-se nos cafés ou nos salões dos hotéis para combinarem as diretivas, era que viria a caber a êle o principal papel na execução dêsses planos. Na moção assinada por Álvaro Osório, Chagas e outros, e unânimemente aprovado pelo Congresso, foi proposta a criação de um Departamento de Saúde Pública.

Alguns anos apôs, Chagas vinha ocupar o cargo de diretor de Saúde. Podia mesmo com as dificuldades que em nosso país encontram as grandes realizações, executar o plano que havia amadurecido em seu espírito. Foi o que êle fêz. Chagas teve êsse

mérito raro de não falhar à sua missão. Organizou o Departamento, alargou imensamente o raio de ação da Higiene Pública, criou serviços inteiramente novos e desenvolveu os que já existiam. Deu aos serviços sanitários uma extensão e uma eficácia que despertaram a admiração de todos que os podiam apreciar.

O destino reservava-lhe, porém, um papel ainda mais importante. Os problemas de saúde tomaram, principalmente após a guerra mundial, aspecto de ilimitada grandeza. Deixaram de ser problemas estritamente nacionais para passarem ao delicado e importante domínio das questões internacionais. Aos poucos, foi se fazendo a coordenação dos esforços isolados dos diferentes países e o sucesso dessa obra de cooperação geral já é um facto de imenso alcance. Coube a Chagas, e evidentemente mais do que ninguém tinha direito a isso, ser o representante do Brasil nesses trabalhos internacionais. Todos sabem como se desempenhou êle de seus encargos.

A dívida da Saúde Pública no Brasil para com Chagas é, pois, incalculável. Foi um homem de ação e de combate. Seus estudos científicos mantiveram-se sempre em estreito contato com a realidade, que êle nunca perdia de vista. Esclarecido por elevado idealismo, Chagas nunca utilizou suas energias nem suas forças em combates destrutivos contra outrem. Preferiu empregar sua extraordinária capacidade na luta contra os inimigos naturais do homem e nessa luta teve brilhantes e memoráveis vitórias. Seu nome será sempre honrado como o de um grande brasileiro.

Os amigos de Carlos Chagas cuja morte repentina e inesperada nos deixou atônitos e produziu abalo de repercussão ilimitada, resolveram, em homenagem à sua memória, reunir em volume os discursos e conferências por êle escritos. É um volume peque

no; menos de trezentas páginas. Algumas horas bastam para que se conheçam essas frases singelas e despretensiosas. Entretanto, não seria demais recomendar meditação prolongada e repetida sobre as lições nelas contidas e os exemplos simples e profundos aí encontrados.

Certamente muitos dos discursos e conferências de Chagas não são reproduzidos no volume em apreço. Nem sempre redigia previamente o que iria dizer. Possuía palavra fácil, fluente, elegante. As idéias nítidas, claras e precisas não encontravam dificuldade em achar os termos exatos da transmissão sóbria. Por isso, nos Congressos, nas Faculdades, na cátedra, Chagas, como orador ou professor, era abundante sem o menor vislumbre de prolixidade, ágil e seguro na exposição previamente amadurecida pela reflexão e o estudo assíduo.

A grande impressão deixada no espírito do leitor dos "Discursos e Conferências" é a da perfeita unidade da vida e da obra de Carlos Chagas. Foi feliz neste ponto o discípulo predileto de Oswaldo Cruz. Cedo achou o rumo e era este tão certo, que não mais precisou vacilar em hesitações tateantes: seguiu o seu caminho em marcha firme. Por vezes, em sua frente, encontrou obstáculos, alguns consideráveis. Não se detinha, porém, em dúvidas; consciente da direção, porfiava por afastá-los, contornava-os ou, em último caso, destruía-os. A certeza da legitimidade de seus esforços amparava-o, protegia-o contra os desânimos e dava-lhe essa ilimitada paciência alimentada na confiança serena, na grandeza da missão escolhida e na segurança dos resultados que a viriam coroar.

Chagas concentrou sua vida e seus ideais em dois ou

três problemas aparentemente simples pelo enunciado e entretanto assustadores ou mesmo inteiramente desanimadores quando encarados há trinta anos, nos dias felizes de sua juventude. O saneamento do interior do Brasil, de modo a torná-lo habitável por indivíduos de qualquer raça ou anteriormente habituados a regiões mais saudáveis e menos malélicas, era, por esse tempo, questão essencial para a vida e o desenvolvimento de nossa nacionalidade. O homem do interior degradado e doente, de capacidade reduzida, parecia eternamente condenado a uma espécie de vida vegetativa, pobre e mesquinha. Nos países de clima temperado, as grandes cidades, as capitais, consomem as energias acumuladas em gerações sucessivas de habitantes dos campos e, nestes, de vida são e reconfortante, encontra-se a fonte inesgotável ou constantemente renovada de capacidade e de reservas para a combustão da vida urbana, intensa e insaciável. No, Brasil, como nos países de clima quente, em que as aglomerações e os núcleos mais condensados de população permitem melhor a defesa contra certas doenças, a vida do campônio ou do sertanejo não encontra, em parte do território, elementos de saúde e não facilita o retemperar das forças. Ao contrário, na conquista das riquezas de vastas regiões, nas tentativas de domínio de imensas zonas, definham e minguam as energias de homens criados e preparados em terras mais propícias, que pagam com a saúde, senão com a vida, uma ambição que, de outro modo, seria razoável, mas assim se mostra excessiva e desmedida. Sem dúvida, grandes partes do interior puderam-se desenvolver de maneira auspiciosa e encorajadora. São entretanto, aquelas em que as condições do meio tornam o "habitat" mais ameno e menos inhospito.

A consciência dessa situação já existia há um quarto de século, mas apenas em alguns espíritos que, diante das proporções do problema, perguntavam ansiosos se possível seria modificá-la ou melhorá-la. O saneamento dos sertões seria obra abordável e ao alcance dos recursos da técnica e das finanças ou excederia de nossas possibilidades? Oswaldo Cruz pesava as condições do ataque ao mal à procura dos meios de enfrentá-lo. Álvaro Osório de Almeida, apesar de fisiologista, passou à ação: organizou, iniciou e executou campanha de grandes proporções e de surpreendentes resultados, no Estado do Rio de Janeiro, contra a ancilostomose. Em S. Paulo, Emílio Ribas, aqui e ali, este e aquêles ensaiavam tentativas mais ou menos felizes. Dada a vastidão da empresa não bastava a vontade ou a ciência de alguns indivíduos isolados. Era necessário despertar a consciência médica brasileira, tudo preparar pelo adiestramento de técnicos, esclarecer os homens de governo e dêles obter recursos. Tal propaganda foi decisiva e constituiu bela campanha na qual se salientaram, mais tarde, entre outros, Miguel Pereira e Belisário Pena.

Carlos Chagas dedicou o melhor de seus esforços à saúde e higiene do interior. Muito jovem foi dirigir campanhas anti-maláricas em vários pontos do país. Fixou-se, por fim, em dada região do interior de Minas Gerais, onde diariamente estudava o estado sanitário e observava as doenças existentes. Foi aí que se produziu o acontecimento decisivo de sua vida: a descoberta da nova entidade mórbida, até então de todo desconhecida e que mais tarde recebeu o nome de *doença de Chagas*.

Apesar do esforço dedicado ao estudo da nova doença,

O que lhe tomou vários anos de trabalho, Chagas não pôde resistir aos novos apelos do sertão. Pouco mais tarde partia ele para a Amazônia a fim de observar o clima, a vida e a patologia da região. De lá trouxe aquisições interessantes e preciosas sobre o paludismo e as diferentes endemias.

Em seus discursos e conferências, até o fim, bateu-se Chagas pela grande causa. Em outubro de 1934, poucos dias antes de sua morte, em conferência realizada na Faculdade Fluminense de Medicina, voltou ele a insistir sobre o muito que resta fazer. Delineou com segurança as vias a seguir.

A outra causa pela qual sempre se esforçou Chagas foi o desenvolvimento dos estudos de Medicina Experimental no Brasil. Nisso foi ele verdadeiro e digno continuador de Oswaldo Cruz. Como diretor do Instituto de Manguinhos teve ele as possibilidades de agir nesse sentido. Para Chagas, porém, tanto não bastava. Seria necessário que as outras instituições seguissem a mesma orientação e as novas gerações fôsem instruídas das normas comprovadas e seguras. Por isso, em suas alocações o tema vem constantemente à baila. Ensina, insiste, repete, cita casos, multiplica os exemplos, nada esquece do que possa concorrer para impôr a convicção e incrustar nos espíritos os princípios salutareos.

Tais ideais de Chagas explicam o culto sempre ardente e vivo, mantido até o último instante, pela memória de Oswaldo Cruz. O mesmo sentimento perdura em todos aquêles que tiveram a rara fortuna de privar com o Mestre, assim como naquêles que, ao ingressarem mais tarde em Manguinhos, aí encontraram sempre vivido e sempre presente o espírito do fundador. Dêle vivia

-15-

Chagas impregnado. Zeloso da tradição, em todos alimentava a flama acesa um dia para não mais apagar.

A personalidade de Chagas também ficará gravada na memória dos homens com as suas linhas simples, mas fortemente traçadas, esculpidas eterna e incorruptível, na essência da imortalidade: o gênio, o altruísmo, a bondade e a solidariedade humana.